

## Elaphe scalaris (Schinz, 1822)

### Cobra-de-escada

Culebra de escalera, Ladder Snake

#### TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Desde há algumas décadas que se suspeitava que o amplo género *Elaphe* (40 espécies; Schulz, 1996) poderia ser polifilético. Dentro dele, a cobra-de-escada apresentava uma série de caracteres morfológicos e ecológicos (reduzido número de dentes maxilares, vértebras robustas, brônquio intrapulmonar apreciável, evidentes mudanças ontogenéticas no desenho, e elevada especialização trófica, entre outras) que a separavam das restantes cobras-de-escada do Velho e Novo Mundo. Estudos morfológicos e genéticos recentes revalidaram o género monotípico *Rhinechis* Michahelles, 1833, para esta espécie (*Rhinechis scalaris*; Helfenberger, 2001; Lenk et al., 2001a; Utiger et al., 2002; Nagy et al., 2004). No entanto, colocava-se um problema nomenclatural, pois quando Schinz descreveu esta espécie, em 1822, o nome *scalaris* não estava disponível (já havia sido utilizado para outra espécie de colubrídeo). O nome disponível subsequente seria *Rhinechis agassizii* Michahelles, 1833, mas de forma a preservar a estabilidade nomenclatural continua a utilizar-se a combinação *R. scalaris*, por ser um nome amplamente utilizado para a espécie nos últimos 50-100 anos (Alonso-Zarazaga, 1998). A variação intraespecífica, tanto genética como morfológica, é surpreendentemente baixa na área de distribuição da espécie (Pleguezuelos, 2006; Nulchis et al., 2008). Admite-se que esta espécie tenha sofrido uma forte redução da sua área de distribuição durante os últimos períodos glaciares, e perdido diversidade genética. As populações actuais derivam, provavelmente, da expansão recente a partir de um único refúgio glacial, sendo por esta razão o réptil de maior tamanho que sobreviveu na Península Ibérica durante os máximos glaciares (Nulchis et al., 2008).

#### DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É um típico endemismo ibero-occitano, distribuindo-se pelo extremo Noroeste de Itália (Ligúria Ocidental), Sudeste francês (Alpes Marítimos, Provença e Roussillon), e na maior parte da Península Ibérica. No Noroeste peninsular a localidade mais setentrional é a Ria de Corcubión (A Coruña), e na restante Galiza a distribuição é principalmente costeira. Para leste evita a

Cordilheira Cantábrica, conhecendo-se apenas uma localidade na sua vertente norte, assim como as zonas altas e frias da Meseta castelhana, nas províncias de León, Palencia e Burgos. Nos Pirinéus, penetra através dos vales orientados a sul, e no seu extremo oriental as populações ibéricas contactam com as francesas. A sul deste limite setentrional está amplamente distribuída na Península Ibérica, embora evite as zonas altas das montanhas. Foi introduzida na ilha de Menorca (Balears).

#### DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

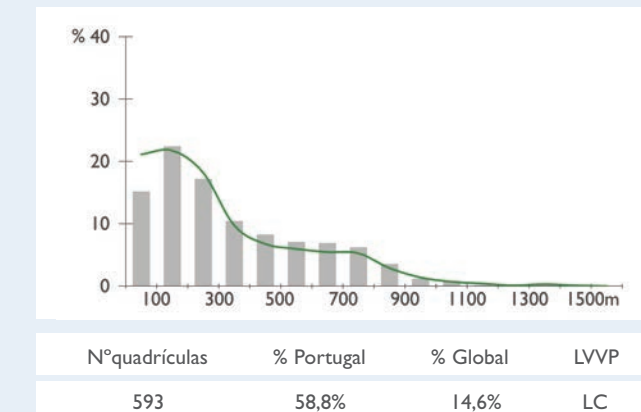
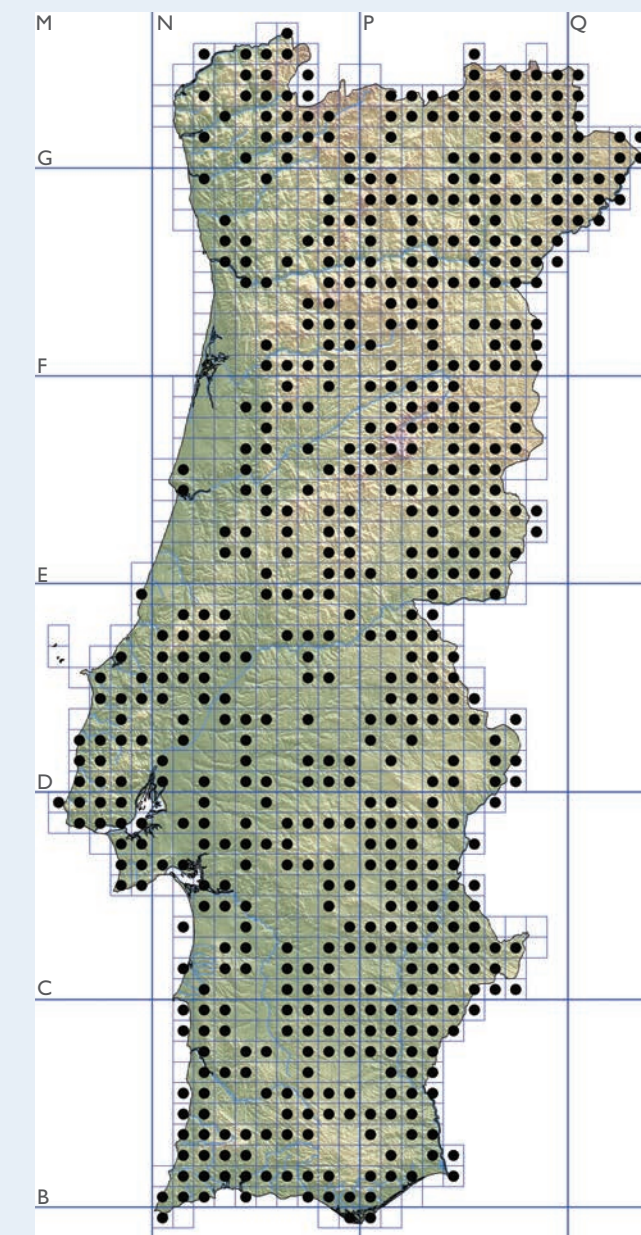
Em Portugal é a serpente mais amplamente distribuída depois da cobra-rateira. A principal lacuna na sua distribuição corresponde à faixa Eurosiberiana que percorre o país, da Beira Litoral ao Minho: Coimbra, Aveiro e Viana do Castelo, onde as temperaturas estivais são relativamente baixas (média de Julho inferior a 20°C) e a nebulosidade é frequente. Para além desta faixa atlântica, as restantes lacunas na sua distribuição correspondem às zonas mais altas das serras da Estrela e do Gerês, a uma amostragem incompleta (no Alentejo e Estremadura), ou à dificuldade de a encontrar em regiões onde é mais escassa (Vila Real, Porto e Viseu). Em geral, parece regularmente distribuída na metade oriental do país e é mais abundante na região da Estremadura. Ocupa regiões com uma ampla gama de precipitação média anual, entre 370-2800 mm (respectivamente Algarve ocidental e Gerês), mas evita as regiões onde a temperatura média anual é inferior a 10°C (C.N.A., 1983). Em altitude, distribui-se desde o nível do mar até aos 1500 m, na Serra da Estrela, embora possa atingir os 2080 m no Sudeste ibérico (Pleguezuelos & Villafranca, 1997). A sua termofilia é evidente quando se observa que 92% dos registos se situam abaixo dos 800 m. É mais abundante na região bioclimática termomediterrânica do que na mesomediterrânica. Como quase-endemismo ibérico, a sua preferência em termos de habitats ajusta-se muito bem à paisagem dominante nos ambientes mediterrânicos da Península Ibérica: azinhais ou sobreirais abertos e todas as suas etapas de degradação. Em meios naturais e, especialmente, nas paisagens agrícolas, refugia-se frequentemente nas formações de galerias ripícolas ou nas orlas e muros tradicionais que separam os campos de cultivo. Evita os

monocultivos sem cobertura de matos nas regiões agrícolas e os meios urbanos, embora se encontre em núcleos rurais. O seu período de actividade anual estende-se de Abril a Outubro, mas podem ocorrer observações esporádicas nos meses de Fevereiro, Março e Novembro. Embora o esforço de amostragem não tenha sido homogéneo ao longo de todo o ano, a distribuição temporal das observações recolhidas durante a execução deste projecto sugere que o seu ciclo de actividade anual é unimodal, com 65% das observações concentradas nos meses de Maio e Junho. Em Outubro aparece outro pico de actividade que corresponde ao nascimento e dispersão dos recém-nascidos, marcadamente tardios nesta espécie (Pleguezuelos & Feriche, 2006). O seu ritmo de actividade diário é fundamentalmente nocturno (Cheylan, 1986).

#### CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

É provável que se encontre em regressão por perda de habitat, principalmente pelo desaparecimento de galerias ripícolas, orlas e muros tradicionais, incêndios florestais, ou ainda pelo desenvolvimento de povoamentos florestais de coberto arbóreo contínuo. Uma vez que nas suas deslocações nocturnas estas cobras aproveitam o calor retido pelo asfalto das estradas, muitos exemplares são vítimas de atropelamento, como foi demonstrado pelos numerosos registos obtidos desta forma durante o trabalho de campo desenvolvido neste projecto. O aumento constante da rede viária faz supor que este factor de risco para as populações de cobra-de-escada seja crescente, pelo que medidas de minimização de impactos nas estradas, como a construção de barreiras e de passagens inferiores, favoreceriam esta espécie.

Juan M. Pleguezuelos e José C. Brito



Juvenil

PhG



Adulto

CC



CC